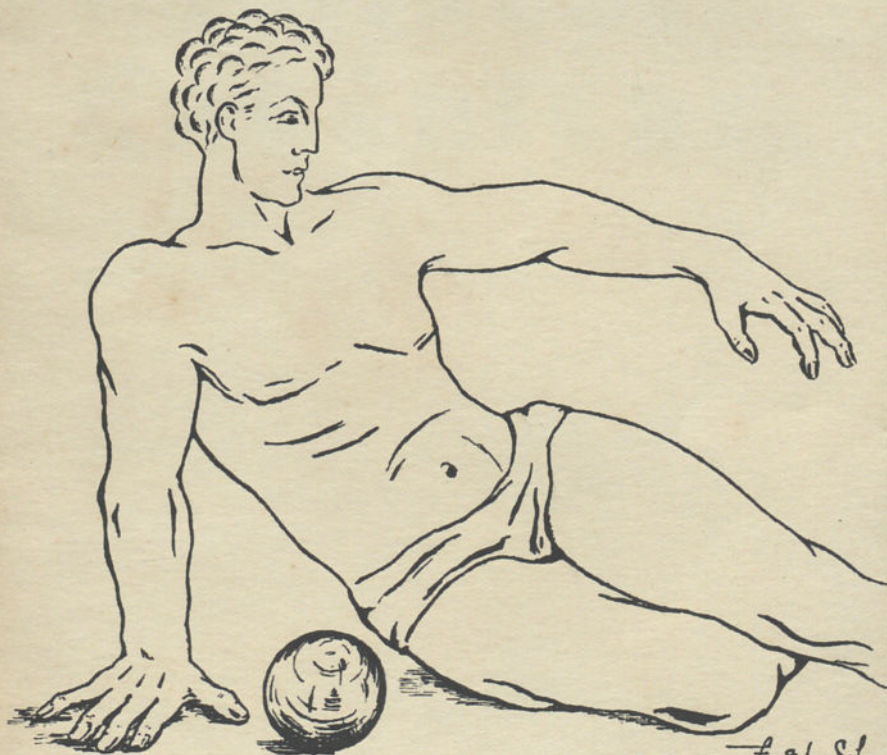


ALMERINDO LESSA

EXORTAÇÕES EUCÉNICAS



1933

BOLETA DO PROFESSORAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DO PORTO

RC
MNCT
613
LES



ALMERINDO LESSA

Exortações Eugênicas

Notas para um programa de política genética



MUSEU DE GÁRVIA

AC
MNCT
613
LES

1933

AMERICAN LIBRARY

Exhibition
American

AMERICAN LIBRARY

**A mocidade deve ser virtuosa
e o modo mais humano da virtude
juvenil é a generosa inadaptação
a todo o imperfeito da vida — que
é quasi a vida inteira —; isto é, a
rebelia.**

MARAÑÓN,

EXORTAÇÃO EUGÉNICA

Homens de tôdas as raças e de todos os credos;
ricos e pobres:— Amor!
Homens de todos os países e de toda a república;
irmãos nossos:— Amor!
Homens do monte e da beira-mar;
trabalhadores:— Amor!
Homens doentes e sãos;
homens de paz:— Amor!
Homens de tôdas as raças e de todos os credos;
dêmos as mãos em Amor!

*

Criança que sorris e trejeitas nos cueiritos passados: tua mãe te gerou com saúde, te beija e cria com leite das mamas?:— dá-lhe Amor.

Meu rapaz: teus 10 anos são prometedores e joviais? Há alegria no teu lar e nos teus olhos? Tua mãe tem pão e teu pai trabalho?;— dá-lhes Amor e corre nas campinas, tomba nas relvas, vive o Sol que o Sol é a Alegria do Amor.

Jovem: teus 15 anos são o primor da Vida. A Vida vai começar-te. Vive-a, inteira, do princípio ao fim. Vive o programa da tua Vida juvenil que deve ser Alegria, Educação, Desporto, Saúde, Amor.

Homem: atende os teus 20 anos. Tua alma pede uma companheira? Arranja-lha. Teu corpo pede beijos e abraços, líricos abraços, mimosos beijos? Cede: escolhe espôsa. Mas cautela. Não te baste que seja insinuante—deseja-a mulher: não apeteças só dinheiro—busca também saúde: não procures um rosto delicado—escolhe uns peitos duros. E casa-te. Atende os teus 20 anos. Na tua alcova espera-te o Amor, um mar de promessas e de realizações.

Tu que vais na meia idade, caminha de-vagar: que o teu passo tenha o ritmo do teu coração. E' monótono, mas seguro. A idade madura é a idade da temperança.

E tu, vólho, olha os teus filhos e os teus netos e conosco, com a Eugenia, vem trabalhar a construir uma vida mais perfeita e mais harmónica, mais bela e mais larga, que elles possam viver intensamente, em Saúde e em Amor.

*

TRADIÇÃO EUGÉNICA

Foi sempre preocupação no homem, o problema dos filhos. Na vida selvagem nada moderava o seu nascimento: mas com a vida gregária surgiu a regulamentação natal. Primeiro a necessidade egósta: depois o costume: finalmente a lei. Primeiro direito consuetudinário, depois direito racional. Motivos de ordem geral e particular atinentes, ora ao individuo, ora à espécie, dirigiram desde o começo a ética da limitação natal. E de toda ela ressalta, nítido, um principio traduzindo este desejo:— os pais, pelos filhos, devem obter mais alegria que dor; os filhos, dos pais, devem herdar mais que dinheiro, saúde.

O código de Manú (Lib. III, § 6 e 7) já impedia o casamento entre hemorroidários, tísicos, epilépticos, dispépticos, elefantíaseos, «ainda que fôsem de família de alta linhagem e extremamente rica». Isto é, o individuo submetia-se à família, à classe e à cidade. E na China, durante muito tempo, o Conselho Superior do Estado, proibiu o casamento consanguíneo.

Platão, inspirado nos povos do Lácio que regulavam o casamento organizando castas de dinheiro e de saúde, legislou a favor dos filhos da república. Preconizou os conselhos dos anciãos para verificarem, nos casamentos, o estado de alma e corpo dos nubentes: Pitágoras e Diógenes aplaudiram, bem como Aristóteles. Poetas como Homero e Teogéis cantaram a raça sã. E os trágicos precusores de Ibsen, Esquilo, Sófocles e Eurípidés ensaiaram na Hélade distante o teatro eugénico. Os escoceses evitavam os matrimónios entre epilépticos, maníacos e leprosos e se uma mulher, em tal estado, gravitava, mesmo assim a matavam.

Na Nova Zelândia ainda casam primeiro as mulheres que remam com mais fôrça o que, como diz Mantegaza, é um óptimo documento darwiniano. E na Nova Granada, durante muito tempo, estrangeiro robusto e são que lá aportasse, era acolhido com cuidados e amor sob condição de pagar a hospedagem com um ano de matrimónio forçado e fecundo. Mas o cristianismo, que em parte reabilitou a mulher, aboliu estas restrições mundiais: conservando, apenas, o impedimento consanguíneo.

O enciclopédico veneziano Leão Baptista Arléti e Leonardo de Vinci defenderam em plena Idade-Média a prevenção natal. E na Espanha, nos séculos XVI e XVII, João Huarte de São João e Miguel Nabuco Alvarez, foram os Baptistas ibéricos da Eugenia. O primeiro divulgou os preceitos platónicos: o segundo, genial precursor, estabeleceu, nitidamente, o conceito

de casamento eugénico. Aconselhava os pais a casarem as filhas com homens sãos, mesmo que pobres, pois, dizia «*mais vale homem que tenha necessidade de dinheiro que dinheiro que tenha necessidade de homem*».

«Nabuco Alvarez que já comparava a selecção humana à selecção cavalariça, similé que foi o desespero de Tolstoï, foi o precursor de Galton e de Leonardo Darwin.

«Procuras e examinas um cavalo para pai, para teres bons cavalos e, não examinas o homem que há de ser pai de teus netos e descendentes, para teres bons netos e descendentes». Na mesma época Pedro López de Mentoya, ensinava aos homens a escolher boas mãis para os seus filhos como escolhiam boas terras para as suas sementeiras: e, eugenista foi também Frei Marco António de Camos. Nessa época, Espanha legislava severamente contra os casamentos entre doentes.

Mas estas ideias sãs foram degenerando: o cristianismo, mal temperado pela Revolução francesa, lançou os homens no descuido da sua carne.

Darwin e os seus comentadores iniciaram a reacção contra este individualismo: e, no fim do século XIX, Francisco Galton, ansiando civilizar o instinto reprodutor (Pinard), lançou as ideias gerais da Eugenia, ciência riquíssima duma tradição ilustre e que definiu como «o estudo dos factores submetidos ao contróle da sociedade e susceptíveis de modificar, para bem ou para mal, as qualidades de raça — físicas e morais — das gerações futuras».

Foram numerosos os sábios que perfilharam a Eugenia. Clemência Royer, Vacaro, Nietzsche, Lapouge, Ammon, Campanella, Charron, Mantegaza, Forel, etc., altearam a nova flâmula. Uma multidão de ciências a acompanhou desde início: a doutrina de Malthus, a erotoplastia (amor plástico e consciente) de Elena Key, a filosofia (Nietzsche no Assim Falava Zaratrusta) e a literatura (Ibsen em *Os Espectros*; Brioux em *Os Avançados*).

Esboçam-se as grandes ideias: descrevem-se os grandes círculos dos movimentos eugénicos: propõem-se as grandes reformas.

Prémios nupciais (afilhados de reis e bispos, Associações voluntárias de homens e mulheres sadias para procriar): castigos para quem transmitir doenças venéreas ou outras (código alemão, italiano, francês e russo) e, como consequência maternidade regulada: tratamento obrigatório e gratuito das doenças venéreas (Dinamarca, Noruega, Filândia, Suécia): eliminação directa dos débeis e enfermos (processo tarpeico de Nietzsche): concentração dos degenerados e incapazes em cidades sacrificadas, com casas de tolerância, jôgo e alcool grátis, que os façam desaparecer *tuto, cito et jucundo* (Ammon): supressão da beneficência a favor da evolução (Zola): impedimento voluntário dos nascimentos — *amate, ma*

non generate (Mantegaza), etc., etc., tudo isso foi e tem sido e é proposto para bem da Humanidade. Há nas propostas trigo e joio: mas se o joio é algum, é muito o grão. Com a organização das Sociedades Eugénicas, Ligas de Sexologia, Associações de Limitação Natal, etc., surgem ao lado dos apóstolos os realizadores: e, com Leonardo Darwin ao lado e os sexologistas de todo o mundo, fazendo roda, a Eugénia, eleva seu porte cada vez mais belo e seu busto enfrenta, sorrindo, a aurora do futuro, a Nova Madrugada. No rosto da Eugénia tudo é confiança, tudo é Amor. «A Eugénia não diz ao homem: não tens direito a ser feliz, mas sim: não tens direito a fazer desgraçados». Hero Garcia. Sua política é a grande política do Amor, a única política superior ao egoísmo, porque os seus resultados são para os nossos filhos.

A raça evoluiu (Filogenia): o homem evoluiu (Ontogenia): o homem e a raça vão melhorar-se (pela Eugénia). Na cidade eugénica, a vida será melhor, quási perfeita. Melhor o homem: melhor o meio. Pode afirmar-se que a melhoria do meio ambiente que rodeia o homem é o processo mais rápido de obter o aperfeiçoamento do próprio homem: e, também que o aperfeiçoamento, pela selecção, do homem (sem efeito) é a única maneira de melhorar o meio em que ele vive e hão de viver seus filhos. Surge assim a Eugénia como chave de resolução dum problema circular vicioso. É que, de facto, ela melhorando os filhos pela profilaxia nos pais e o meio, pela regulamentação natal, apresenta-se como um grande, talvez único, processo, de resolver a questão social. Ciência raciocinada: ciência de gabinete antes de ser política da rua, com métodos tão científicos ou mais que qualquer outra das suas irmãs doutrinas sociais (Sindicalismo de Sorel, reformismo de Bernstein, materialismo histórico de Marx, intelectualismo histórico de Valois, etc.) tem sobre elas as vantagens de ser uma grande revolução sem sangue. É dela que sairá a Alegria da nova Vida e o passo do novo Progresso. Que a Eugénia, escreveu Leonardo Darwin, baseia-se na ciência pura. Mas é sobretudo na Religião (compreendendo-se por ela tôdas as sugestões internas do homem para um melhoramento espiritual) que encontrará as forças necessárias para lutar pelo progresso humano.

*

EUGENIA CONSTRUTIVA

Na luta social, a Eugénia distribue a sua actividade por quatro grandes campos de educação e profilaxia. O seu *desideratum* final é construir o futuro. Mas dada a existência, no presente momento social, de várias gerações humanas, trazendo já potencialmente em si mesmas, a possibilidade de novas gerações, a política eugénica obriga-se, por estratégia e adaptação, a atacar o problema por vários lados. Aos humanos da presente geração adulta, aconselha a escolha

matrimonial e faz *Eugenia construtiva*: e, aos já casados e doentes ou incapazes ou pobres, prega a regulamentação natal, podendo ir da simples limitação temporária—*Eugenia restritiva*, à limitação definitiva—*Eugenia destrutiva*. Finalmente, ensaia já esforços no sentido daquilo que, sobretudo, receberá como prémio,—a metamorfose social—e faz *Eugenia criadora*. Em síntese, a Eugenia pode ser *positiva*—estudando e indicando as possibilidades óptimas de concepção: e *negativa*—impedindo as más criações.

*

Vamos indicar, rapidamente, as directrizes de cada um destes movimentos.

De há muito que o homem se surpreendeu, observando que não dedicava à criação dos seus filhos, metade dos cuidados que os ganadeiros dedicam às suas crias. Já lhes disse como predicava Nabuco Alvarez e, nos nossos dias, o professor Carlos Richet, escreveu: «dedicamo-nos a produzir raças seleccionadas de cavalos, cabras, cerdos, etc.; mas não fazemos esforço algum para criar raças humanas menos defeituosas, para dar mais vigor aos seus músculos, mais beleza aos seus rasgos fisionómicos, mais penetração à sua inteligência, mais agudeza à sua memória, mais energia ao seu carácter, para aumentar a longevidade e robustez. Incúria assombrosa! Deplorável incompreensão! Criminosa negligência para o futuro».

De facto é de surpreender que o homem dedique mais cuidados à cria irracional que à cria humana. A Eugenia procura resolver o problema dessa criação. Servindo-se de certos axiomas fundamentais, tirados da observação dos ganadeiros como, por exemplo, estes:

—para criar bons filhos, são precisos bons pais;

—para criar bons animais são precisos bons alojamentos, boa alimentação (mas nem de-mais nem de-menos) e superiores cuidados (de higiene e profilaxia);

—é insensato querer apascentar num terreno mais animais que os que êle, racionalmente, pode conter; etc.; e, juntando dados de observação própria, estabeleceu os teoremas da boa natalidade.

Logo ressaltou aos olhos de todos que o número de filhos deve depender, não da nossa quantidade de Amor mas da nossa quantidade de saúde e de dinheiro. Para bem procriar é preciso bem ter.

Não se julgue, grotescamente, que a Eugenia se reduz, assim, à arte de criar homens como quem cria porcos: não, ela é apenas a arte de não criar homens com cuidados inferiores aos que se dão aos porcos.

A luta, a acção, neste campo construtivo reduz-se a isto: aconselhar (e exigir) aos homens que ponham o máximo cuidado e previdência na escolha do ser que vai compartilhar a sua

vida e consigo gerar os filhos; e como o conselho só não basta: e, como a lei só por si não é bastante, estimular, premiando.

Em face do homem que vai casar, grita: está bem, casa; para casar, basta querer; mas para procriar, lembra-te que é preciso poder.

Como escolher os homens e as mulheres que devem procriar? Seleccionando. E raciocina; não será estúpido que só se faça selecção para escolher os soldados? Não será estúpido que sejam os mais fortes, os mais capazes, os escolhidos para morrer? Não lhes parece que deviam ser antes os mais fracos? Evidentemente.

Portanto a Eugenia Construtiva, faz-se seleccionando os homens que devem procriar. A todos se consentirá o casamento (legal ou não): mas só aos bem constituídos se permitirá a prole. Como fazer? Protegendo os fortes: exigindo atestados médicos obrigatórios prenupciais, fazendo intensa propaganda das suas doutrinas.

Há quatro modalidades de certificado médico prenupcial a saber:

a) *reconhecimento médico oral*, para elucidação dos nubentes (serve como diz Vignes, para obrigar os noivos «a pensar em tal»);

b) *reconhecimento médico escrito*, em certificado que ficaria guardado para efeitos de sanções a requerimento dum dos cônjuges ou da sociedade;

c) *reconhecimento médico escrito em certificado particular*, para mostrar à outra parte; e,

d) *reconhecimento médico escrito em certificado público*, a apresentar nas repartições de casamento e sendo condição *sine qua non*. A meu ver todos estes meios deviam ser usados no nosso País. Começar-se-ia pelos dois primeiros. O certificado oral, exigindo um certo grau de cultura que a nossa classe popular e pequena burguesia não possuem, só poderia servir para a alta burguesia: mas tinha o condão do exemplo. O certificado escrito para o arquivo é que poderia desde já passar a ser exigido como a certidão de nascimento. Também devia ser exigido um certificado de registo criminal que levaria a impedir a procriação a certos delinquentes (aqueles, por exemplo, que acusassem mais de 6 prisões).

Paralelamente a estas exigências, restrições fatais, deve fazer-se óptima campanha de profilaxia e de educação. O fim longínquo desta campanha é conseguir para o homem uma mulher canónica e vice-versa. Em grandes letreiros públicos devia ensinar-se a escolher a companheira. Dir-se-ia assim:

— O homem que quer ter filhos são e inteligentes deve escolher mulher com estas qualidades: sem doença herdada ou adquirida, nenhum vínculo de parentesco (1), contraste

(1) O vínculo de parentesco, não importa já no sentido que lhe davam os antigos. Uma multidão de investigadores — Durham, Diskley,

de tipo morfológico, idade entre 17 e 25 anos (1), nem luxuriosa nem fria (2), de bacia ampla, que prometa boa mulher e boa mãe; deve recordar que é falso o aforismo—*noscitur a labus quantum sit virginis antrum*; e conceber em Maio.

—A mulher que quer ter filhos são e inteligentes deve escolher homem com estas qualidades: sem doença herdada ou acrescida, sem nenhum vínculo de parentesco, de virilidade robusta, de idade de 24 a 35 anos; e recordar que é falso o aforismo—*noscitur a naso quanta sit hasta viro*.

Se juntarmos a isto prémios para a boa nupcialidade: organização de castas de pessoas eugénicas: prescrições sobre a criação da mestiçagem, etc., teremos traçado, em linhas gerais, o papel da Eugenia Construtiva que se pode resumir nestas palavras: *CUIDAR DOS FILHOS ESCOLHENDO OS PAIS*. E na Cidade Perfeita, o homem eugénico com a mulher eugénica e os filhos são, glorificarão a vida. E o Amor será mais puro.

*
* * *

ESTADISTA! Queres bem agir? Ser do teu século? E sabes qual é o teu século? É o XX: Elena Key chamou-lhe o século da criança: é o século da madrugada social. O Sol, dentro em pouco, no zénite, rasgará as sombras: apenas, cada um de nós, esconderá debaixo dos pés a sombra de si mesmo, as últimas sombras dos últimos prejuízos, dos derradeiros desamores. Haverá alegria nas almas: sorrisos nos lábios: nos olhos—Amor! Paz nos homens: languidez nas mulheres: folgado nas crianças.

Estadista! protege a criança, zelando a saúde dos pais: protege os filhos antes que os pais os concebam.

Davay, Boudin, Chazaraine, Hawe, Kentucky, Balley, Chipault, Parigi, Liebreich, etc., — têm provado o sem valor do receio dos matrimónios consanguíneos. Em famílias eugénicas eles são mesmo um ótimo processo de cultura racial (Endogamia).

Apenas, e bem se compreende, que em famílias degeneradas ou incapazes, tais casais, somem nos filhos, suas taras de desorganizações somatopsíquicas. Note-se, entanto, que as modernas investigações sobre o valor das raças e seus períodos de hegemonia — sucedendo-se a cruzamentos de sangues — vieram pôr um pouco em cheque a teoria gloriosa da endogamia.

(1) Convém elucidar o leitor desprevenido que as curvas do desejo e do poder de reprodução, não se sobrepõem. E que assim a curva reprodutora (curva do *Genital*) atinge o seu planalto de potencialidade aos 16, 17 anos, e muito tempo o conserva, ao passo que a curva do desejo (curva do *Sexual*) só atinge o seu máximo aos 30 anos: isto na mulher.

(2) Ainda não está bem precisa a técnica de avaliação dos temperamentos sexuais. Até lá o melhor processo de avaliação são os casamentos de ensaio com procriação voluntária e comunmente impedida: casamentos Lindsney.

*

OS TIPOS INFERIORES, enfermos físicos e morais, estendem a mão e colhem — a caridade manda dar. Quem dá aos pobres, empresta à Sociedade: e os pobres pagam à Sociedade, com juros largos, povoando-a de degenerados tipos, enfermos morais e físicos.

Os tipos superiores, sadios físicos e morais, estendem a mão e nada colhem: ¿quem tem saúde que mais precisa, interroga o burguês na sua digestão pacífica? E os tipos fortes, desamparados, morrendo de fome e de alcool, vingam-se da Sociedade que os esteriliza por carência, subtraindo-lhe, porque não procriam ou procriam mal, a descendência sã.

*

TU SORRIS da Eugenia. E não te lembras que se tua mulher fôsse eugénica e a sua bacia de bom tamanho, não teria precisado da cesareana quando nasceu o teu filho, êsse filho que te levou a lues. Terias poupado alegria e fortuna.

*

O CRIMINOSO LOMBROSIANO, perde dia a dia os seus últimos redutos ou modifica-se nêles. Há hoje, sobretudo, duas grandes correntes: uma que faz do crime uma reacção contra o meio, outra que faz dêle um negócio da alma. Mas em qualquer caso, negado o conceito aristotélico (implicação do cérebro na vida mental ou anímica) e aceite a doutrina cartesiana da fisiologia encefálica do pensamento: e, ainda sabido, que as reacções contra o meio, dependem não só do meio que solicita mas também da architectura organo-neuro-simpática do ser solicitado, bem comprehendes, amigo! que em grande parte de ti depende e de tua mulher, a vida animal do teu filho. Que a architectura do seu cérebro e o valor de reacção dos seus nervos, são vocês quem lhos dão.

*

PARA QUE CASES com Alegria e despreocupação faz um rigoroso exame da consciência e do físico. Estuda-te: vê o estado da tua saúde. E dos teus parentes próximos. Há doenças que só aparecem nos tios e... nos sobrinhos.

*

A EUGENIA não procura estabelecer na terra o império do homem canónico: o *Canone* de Paulo Richet é raro de obter e difícil de produzir-se. Depois disso levaria, como diz Leonardo Darwin, a criar-se uma raça de super-homens, novos-Titans,

Hércules do nosso tempo que imperariam dominando: e, todo o domínio provoca revolta. O ideal não está em Nietzch: tampouco em Han Riner: nem super-homens, nem infra-homens. Homens perfeitos, igualmente perfeitos, do mesmo modo capazes, é o que quer a Eugenia. E ninguém se aflija na previsão duma humanidade monótona, de homens iguais, *estandard*. Tal, não é possível, nem desejável. Os homens não de ser sempre fundamentalmente vários, como vários são os compartimentos da vida onde trabalham. Arranjar homens, que nos seus quadros de serviço, cumpram perfeitamente, por serem perfeitamente capazes e cumprindo sem prejuízo nem moléstia dos demais, eis o ideal eugénico.

*

EUGENIA RESTRITIVA

A Eugenia restritiva, o mais censurado ramo eugénico é, bem de-certo, o mais prometedor e útil proceder genético. Ensinar aos pais que nos filhos não devem procurar quantidade, mas sim qualidade, porque mais vale pouco e bom que muito e mau, é doutrina honesta e sábia e até seria genial se não fôsse nascida do mais vulgar bom senso. É uma grande campanha democrática. A restrição é a alavanca da Eugenia, porque é o grande meio de eliminar os tipos inferiores: protegendo-os no presente, mas matando-os para o futuro.

Os processos de que a Eugenia restritiva pode lançar mão, são muitos: casamentos tardios, nascimentos espaçados, concepções atalhadas, gérmens abortados, etc., etc. Vejamos os que convêm.

Os casamentos tardios têm contra si a impossibilidade quasi geral da abstinência, apenas realizada em poucos homens (sublimação dos sábios e dos santos, etc.): e, por isso conduzem à luxúria, à prosmicuidade sexual, aos gozos solitários, às aberrações sexuais, etc.

Os nascimentos espaçados são um ótimo meio a realizar por dois modos: pela continência entre casados ou pela oportuna técnica neomaltusiânica. A continência entre casados é, como o casamento tardio, contrária à natureza e à vida. Só os superiormente fortes podem ser, neste passo, superiores à natureza. Os outros, o maior número, doentes da vontade, egoístas, sexocentralizados, não a praticarão. Não de fornicar e ter filhos. E era nestes precisamente que os convinha evitar. Os superiores na vontade, já eram fortes superiores na vida.

«As más vontades que distinguem os abúlicos e os doentes continuarão a multiplicar-se na geração do futuro». E mesmo «se só um dos cônjuges é partidário da continência, o outro pode encontrar nisso uma escusa ou pretexto para o adultério».

Resta o emprêgo da técnica maltusiânica. E como os abortos são além de perigosos, no geral, um crime, é a técnica

de Malthus, ou melhor, dos seus continuadores, o que preconizamos.

Como actuar? Há cinco grandes processos, todos elles com defensores e detractores. Mas há um que reúne o maior número de votos. Analisemos.

Primeiro: coitos periódicamente limitados e precatamenais (mau pelos longos períodos de abstinência e pela falibilidade);

Segundo: coitus interruptus (mau pelas profundas perturbações nervosas que ocasiona e pela falibilidade);

Terceiro: coitus ante portas (mau pelas perturbações nervosas que ocasiona, se bem que menores que as do anterior: falível);

Quarto: aleitamento do último filho por mais de 3 anos (mau pelo desfalque orgânico que provoca na mãe e contrariado ainda pelo meio social — trabalho, etc.):

Quinto: técnica neomaltusiânica p. d., processo de repetição (de valor relativo ao meio usado). Péssimo e falível com as lavagens de água fria: mau e falível com antisépticos gerais: mau com o condon: *ótimo e bastante seguro com o pessário oclusivo*. Assim, o uso do pessário como meio económico e seguro de evitar um filho indesejado ou doente, deve ser usado sem receio e confiadamente. Devem usá-lo os bons pais em certas ocasiões da vida (desemprêgo, crise económica, greve, doença grave temporária, etc.) e os maus pais (por miséria ou grave doença crónica) permanentemente. Numerosas congregações médicas, grande número de economistas, juristas, clínicos e parteiros têm estabelecido, cientificamente, as indicações da Eugenia restritiva neomaltusiâmica.

As indicações de ordem económica que apresentei, visam a proteger os filhos já existentes e aquêles a conceber. As indicações de ordem médica destinam-se, à protecção dos pais, das vidas potenciais e da sociedade. Sob este ponto de vista, deve evitar-se a concepção, *definitivamente* quando: a) a mulher se encontre na impossibilidade mecânica dum parto fisiológico; b) em caso de tuberculose evolutiva; c) em casos de doenças incuráveis e transmissíveis: e *temporariamente* em caso de sífilis ou inflamação aguda dos órgãos genitais. Convém destacar a sífilis: pela Eugenia restritiva ela está destinada a desaparecer. «*A sífilis, cientificamente, não tem direito a existir e será uma vergonha para a sociedade se ao findar o século XX não tenha passado de doença infecciosa ao Museu*» (Júlio Bravo).

«Num dos últimos congressos de medicina votou-se que se evitasse a gravidez:

A — nos primeiros dias do casamento; a mulher não estando adaptada à função;

B — durante o primeiro ano a contar do nascimento dum filho;

C — no caso de moléstia grave ou hereditária dum dos pais;

D—quando no casal haja mal venéreo (neste caso deve mesmo evitar-se o acto sexual);

E—quando os filhos já nascidos forem raquíticos ou apresentarem mais de três estigmas de degenerescência;

F—quando a gestação ou alimento dum novo ser venha prejudicar a mãe;

G—quando o futuro filho venha privar os já existentes da alimentação necessária; e

H—quando a mulher já tenha tido 6 filhos.

Em face disto, vê-se que o médico muita vez deverá intervir para, em nome da sociedade, impedir aos homens uma gestação miserável.

Evite-se a criação de maus homens, mas poupe-se o Amor, mãe da Alegria. Dizer ao homem que não procrie, é viável, porque a ciência lhe pode fornecer os meios coercitivos da génese: mas dizer-lhe que não ame, que não procure a mulher, para com ela viver na doçura do entendimento e na gymnástica do sexo, é ilusão porque a origem do Amor escapa à intuição e se não escapa à intuição foge aos sentidos.

A gestação pode-se evitar: a gestão é impossível, sem quebra da unidade orgânica.»

Mas, por razões numerosas, deve consultar-se um médico sempre que se queira usar a prática coercitiva.

*
* * *

Não há, porventura, ramo da ciência eugénica, sofrendo, como este, ataques tão desvairados de tão desvairados contraditores. Previsto por Platão, aconselhado por Aristoteles, foi altamente defendido pelos reformadores e enciclopedistas do século XVIII. Montesquieu, Espinosa, Rousseau e Law, defenderam a consciente limitação natal como factor subido na validação da mercadoria humana. E a seguir a Malthus, foram muitos os que abraçaram, alargando-a, a doutrina reguladora: Guesnay, Adam Smith, Price, Hume, Wallace, J.-B. Say, Stuart-Mill, quasi todos os reformadores sociais. Mas, como disse, são muitos os detractores. Sobre tudo, acusa-se o malthusianismo de facilitar o acto sexual e a promiscuidade das relações carnaes: por êle, muitos pais, dizem, podendo ter filhos deixarão de os ter. Maria Stopes, riposta exclamando: *um pai que pode ter um filho e o evita é bom que o não tenha pois o não merece.* E Leonardo Darwin, acrescenta: *se existe um grupo humano bastante sadio que ante a possibilidade de numeroso prazer sexual immediato, renuncia por sua vontade, temporária ou definitivamente, à possibilidade de procriar, e se tal grupo realiza os seus desejos, daí resultará uma verdadeira vantagem sob o ponto de vista eugénico, pois que assim as gerações futuras não possuirão descendentes de tal espécie indesejável.*

Depois é preciso distinguir promiscuidade e harmonia : dois humanos, de sexo diferente, fazendo vida a 2, em regime compreensível e de comum acôrdo de maternidade consciente, podem fazer mais íntima harmonia, com facilidades maiores e nada mais. Além disso a maternidade consciente facilita os casamentos jovens, diminuindo assim a promiscuidade sexual da prostituição e do adultério: e, «nestes pais o sentimento da responsabilidade aumenta, pois cada filho é o resultado dum acto deliberado, voluntário».

*

NÃO HÁ em Portugal lei alguma que proíba, dois miseráveis fisiológicos se unam para procriar débeis orgânicos e mentais ou uma ninhada de monstros. A Igreja também disso não cuida. Terão, pois, o Estado e a Igreja, o direito de censurar que os cônjuges, em tais circunstâncias, cuidando melhor da Nação do que os que têm a cargo a saúde da república, evitem a funesta prole?

*

«*PORQUE É* que os legisladores que a cada instante e com toda a classe de medidas, restringem as nossas liberdades, deixam, em troca, plena e inteira, aos piores de entre nós, a de criarem péssimos descendentes, de fabricar em cada geração seres prejudiciais aos seus semelhantes»? E. Pittard. A lei destina-se a civilizar o homem e as práticas anticoncepcionais contribuem para a civilização (Margarida Sanger), que é, à luz do materialismo histórico, a transição do nómada para o urbano: «é quanto ao individual a progressiva desanímização do Homem, na expressão feliz de Hegel; e, quanto ao colectivo, a humanização do homem em sociedade, como pretende Mateus Arnold» (Jaime Brasil).

*

MÉDICO! tem presente que os alcoólicos, os perversos, os imbecis, os tarados, os alienados, os grandes criminosos, as prostitutas, os pelagrosos, os leprosos, os cancerosos, os cardíacos, os tuberculosos, os nefríticos, os vagabundos, os intoxicados, os incestuosos e os impúberes, geram maus filhos ou filhos maus: e filhos que tornam piores os pais.

Não te esqueças médico-de-família! que os filhos herdam dos pais, a sífilis, a neurastenia, a doença de Parkinson, a coreia, a atrofia muscular progressiva, a hematúria familiar, a degenerescência familiar do corpo estriado, a taquicardia paroxística essencial, a luxação congénita da anca, os tumores vasculares das mucosas, o daltonismo, certa hemofilia, a atrofia hereditária do nervo óptico, o albinismo, a idiotia

amaurótica, a epilepsia, certa anemia, etc., etc., e que assim, todos estes doentes, sob tua guarda, devem ter uma concepção regulada.

*

UMA BOCA ROSADA deve beijar,
Um útero limpo deve gerar,
Uma mulher sã deve parir:
Uma bôca luética não deve beijar,
Um útero mordido não deve gerar,
Uma mulher doente não deve parir.

*

LUÉTICO, LUÉTICO, olha que o teu filho chama-se Oswaldo: conhece-te apenas pelas enfermidades que lhe legaste. Não te esqueça que o acto de mal gerar é dos poucos actos maus que só dependem da humana vontade. Só deve gerar quem bem pode gerar.

*

TER MUITOS FILHOS não é sinal de saúde, é sinal de doença, porque traduz loucura.

*

«*SER MÃI* é missão, não deve ser profissão». Maria Lacerda de Moura.

*

SE ÉS EGOÍSTA não cases,
Se estás venéreo não forníques,
Se estás sifilítico não procries.

*

A TUA MULHER, meu amigo, deve evitar a gravidez nos primeiros dias do casamento. Ainda não está adaptada à função de ser mãe esteja, embora, adaptada já à função de ser mulher. Que ser mãe e ser mulher são duas cousas iguais e diferentes: tôda a mãe deve (e tem de) ser mulher; mas nem tôda a mulher deve (ou tem de) ser mãe.

*

NASCEU-TE UM FILHO, deixa descansar tua mulher: um útero não é uma máquina. É um órgão e todos os órgãos para bem trabalharem, precisam de bem descansar. Ele trabalhou durante nove meses: não achas que merece, pelo menos, um ano

de descanso? Olha que o coração, por dia, só trabalha 8 horas. E no organismo a cada esforço corresponde uma pausa.

*

SE OS TEUS PRIMEIROS FILHOS são raquíticos, se têm estigmas de degenerescência, não procries mais: os raquíticos vão viver (ou vegetar?) uma vida miserável; e, olha que o Lombroso, às vezes, também acerta.

*

SABES QUE A TUA MULHER é uma mulher e que assim não é de ferro: se ela ainda traz nos braços um filho miúdo, para que vais sobrecarregá-la com mais outro?

*

SE SÓ TENS EM CASA pão para um filho, não te parecê que é crime roubar-lhe metade para dar a outro filho? Se mal alimentas um, para que queres esfomear dois?

*

TUDO O ÚTERO que floriu meia dúzia de vezes tem direito à reforma com o Amor e a Gratidão, em vencimento, por inteiro.

*

NÃO CHAMES EGOÍSTA A MALTHUS nem aos seus continuadores. O neomaltusianista defende a limitação natal voluntária para bem da mãe e salvação da espécie; chama os humanos e a todos, sem distinguir riqueza ou raça prega a sublime doutrina do Amor universal, pela universalidade do Amor:

—ao moço que vai casar, saltando por cima das conveniências e da saúde, não dá a palavra dura da reprovação—o homem não pode reprová-lo Amor.—, antes dá o conselho suave do amigo elucidando que os filhos mal gerados podem um dia amaldiçoar os pais:

—ao moço que vai casar, à margem da ecónomia, não atira a censura que magoa antes acorre com a palavra que consola e o aviso que se precisa, prevenindo de que os filhos quando nascem têm direito à vida, precisam de ser agasalhados e de comer; e, que quando o presigo mal chega para dois, nunca chegará para três;

—ao tuberculoso que quer casar porque pôs a última—está a extinguir-se!—luz dos olhos nos olhos duma Luz; que doente não pode trabalhar, mas poderá gerar e os filhos (êe

sem dinheiro e a sociedade sem profilatórios) contaminará, medindo-lhes os passos para a cova pelos beijos que lhe der nos lábios:

—ao sífilítico que se quer juntar a viver com uma companheira a vida que tem ainda, mas que nos filhos verá «sua primeira aventura galante» a rir nas pústulas e erguida em gomas;

—a um e a outro aconselha, pondo no ombro a mão amiga; a um e a outro permite o Amor mas impede o crime — deixa a Alegria, impedindo a loucura.

*

PAI! mais valem poucos filhos bem criados que muitos filhos mal criados.

Nos filhos, a paga está nos sorrisos: e, só bem sorriem os que bem comem, gozando boa saúde. Um filho num lar, eis a grande alegria, a alegria imensa do homem que se conseguiu vencer, que conseguiu estar para além de si, porque nos filhos se prolongará!

Mas repara que se o filho não tem saúde nem pão morre e tu, Pai! de novo ficas vencido, sem projecção no futuro.

Pobre luético, meu amigo! — como te vai custar! Vais renunciar a ser pai: não terás essa alegria. Mas olha, podes recompensar-te. Esforça-te por te curares: sarado poderás vasar no útero de tua mulher a semente que dê planta com raízes a prender-se no teu corpo mas de braços, largos, fortes, abertos, a prolongarem-te para além dos anos.

Mas... se te não curas? Então, meu amigo! só tens uma solução. Não geres. Podes amar: isso é contigo e com a tua companheira: mas não geres; isso é com os teus filhos e conosco. Sofres? Terás a recompensa, na suave, dourada alegria do homem que à noute, chegado o fim da tarde, com o luar nos montes e a neve nos cabelos se senta à lareira, recosta a cabeça no ombro da companheira e se fica na consciência de bem ter cumprido. Tristeza na ausência de filhos, sim: mas alegria na ausência de remorso. Depois, tua ânsia de amor humano, de relação, poderás suavizá-la no Amor aos outros.

Lembre-te Jesus, queimado de Amor, chamando a si as criancinhas, filhos de outros. Ah! que se tu emitasses o Galileu soberbo!

*

EUGENIA DESTRUTIVA

A Eugenia destrutiva é um processo definitivo de defesa e previdência sociais. Como tem sido usada nas penitenciárias ha quem a julgue um meio de castigo. É um absurdo: primeiro, porque os crimes não se castigam, segundo, porque também se esterilizam os doidos e a ninguém passa pela cabeça castigar um doido. A esterilização pode

ser voluntária ou forçada. Esta é a mais necessária, pois a primeira supõe já uma certa sôma de qualidades morais, ao passo que a recusada (e portanto obrigada), depois de advertência médica ou jurídica traduz o contrário.

A Eugenia anticoncepcional negativa — segregação, castração e esterilização, também não exclue a prática sexual. Castrar é tirar do organismo os dois testículos ou os dois ovários (foi a grande loucura do fim-de-século francês): esterilizar é fazer a laqueação ou exérese das trompas ou do canal diferente. A segregação é um mau processo (tendo no entanto um certo número de indicações extremas) pois que resolvendo o problema do genético deixa sem resolução o problema do sexual. A Eugenia destrutiva tem sido ensaiada em numerosos países — Estados Unidos da América, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Saxónia, Saxe, havendo alguns, como a Suíça, onde se chegou a pensar, para os alienados, na Eugenia negativa total — a morte (proposta Hauswirth). Na Califórnia, por cada 12 dementes, um é esterilizado: e, os débeis são-no todos.

*

«A NATUREZA ensina os homens, pois que os p. g. são em geral estéreis». Régis.

*

SÃO OS SENTIMENTOS maus os que melhor se espalham: são os tipos inferiores os que mais se propagam. É uma realidade, mas uma realidade que deve ceder ante a verdade científica e a esperança social. Os sentimentos maus, rubros ou negros (Pauchet) devem cercar-se pela Educação: os tipos inferiores pela esterilização.

*

A ELIMINAÇÃO total, definitiva, em 3 gerações, dos incapazes e inferiores, traria como consequência:

— a justa recompensa do trabalho, pelo salário justo; uma melhor produção, pelo estímulo; diminuição dos impostos e contribuições; aumento do tesouro do Estado e sua derivação para o fomento da Educação, das Ciências e das Artes; um equilíbrio na economia e na Vida. Numa palavra: Harmonia. E' ponto assente na escola engenética, estudado e verificado *à priori*. Duvidam? Acompanhem, comigo, o raciocínio de Leonardo Darwin: trabalham os homens por turmas, e nas turmas os capazes e os que o não são, fazem trabalho desigual na parte, mas igual no todo, ao dos outros turnos, recebendo o seu salário pela avaliação do valor total do trabalho feito. São igualmente recompensados o capaz e o incapaz, o diligente e o pre-

guiçoso, o inteligente e o estúpido, critério que não é humano e prejudica o progresso porque lhe retira, em parte, esse grande factor de evolução que é o estímulo. Ora se todos os homens dentro dos turnos e das suas occupações fôsem capazes, os salários, se bem que diferentes, seriam justos, porque a avaliação se faria ainda pelo total de trabalho feito, mas os homens capazes, sendo, dentro dos seus misteres, capazes dum máximo perfeito.

Também reduzido o número de incapazes; diminuído o número dos seus abrigos (Asilos, Hospitais privativos, Cadeias, etc.), e a sua «antourage» (juizes, magistrados, guardas, médicos, enfermeiros, professores especializados em educação de anormais, etc.), diminuiriam muito os gastos públicos e daí uma baixa tributária e até um aumento do tesouro. Tesouro este que aumentando iria facilitar, protegendo os fortes, o apogeu final da Eugenia.

*

PROTESTAS contra a idea de esterilizar um doido, na idea de que se elle tem órgãos sexuais é para se reproduzir: e não te lembras disso quando o fechas num manicómio onde não poderá procriar. E esterilização dos débeis mentais, facilita-lhe até um certo grau, rudimentar, de vida social: deixa-os viver sexualmente, favorece-os.

*

À PORTA de minha casa passa, volta-e-meia, uma doida com um filho nos braços. E todos os anos o filho é novo. Desgraçada! As esmolhas que lhe dão comem-lhas os filhos: e, tiritando de frio, embrulha-os na lâ rota do chale. O miserável que lhos faz não sei quem é. Mas um e outro, elle e ela, beneficiariam com a esterilização. Ela porque é doida: elle porque é malvado e, é fatal, um doente.

*

EUGENIA
CURADORA

Como remate e princípio — os extremos tocam-se — a Eugenia curadora, procura melhorar as condições individuais de criação. Mas como o homem é o reflexo da sociedade em que vive, Eugenia curadora é a Eugenia social. Eugenia conselheira do Estado: Eugenia que ensina ao Estado como deve ter sob sua dependência este outro processo de produção — fazer filhos. Mas como nota Leonardo Darwin, os homens sobre a procriação dos quais o Estado precisa de pôr mão, podem grupar-se em *dependentes* e *independentes*. Com os *dependentes* (classe de indivíduos inferiores, em contacto com o estado pela Beneficência pública — num bom Estado não há Beneficência particular —, a Escola e a Justiça) devem

usar-se meios convincentes e elucidativos: e, só em caso de reincidência de procriação «a Beneficência pública raciocinaria, diminuindo o seu auxílio e limitando-o mesmo aos acolhidos em instituições onde é materialmente impossível ter filhos». A restrição coercitiva (esterilização) será a excepção: a persuasão, a regra. Isto supõe, é claro, boa divulgação de rudimentares, mas seguros, meios anticoncepcionais. Com os independentes (incivilizados homens, que fazem vida selvagem num país civilizado, homens à margem do Estado) igualmente se poderão usar o conselho e a lei: mas aqui a coacção será regra e o aviso excepção.

O Estado deverá proteger os bons pais.

Todos os bons núcleos individuais e que tenham honorários bastando, devem ter 3 a 4 filhos, para que tenham, na morte, quem os prolongue na vida. Se tais pais, ótimos humanos, não têm possibilidade de sustentar a criá, ampare-os o Estado como faz aos incapazes. Que é deles e não destes que a Nação depende, e também a altura moral da Humanidade. Auxilie o Estado, criando directamente subsídios de família ou auxiliando as instituições que os dão — Sindicatos, Casas mutuais, etc.: estabelecendo impostos sobre os celibatários e casais ricos sem filhos, sob condição de que tal dinheiro vá directamente para os pais bons produtores que por seu lado serão aliviados do tributo nacional: organizando os seus quadros de funcionalismo: invertendo as escalas dos honorários dos seus quadros com ascensão, de modo que os novos recebam mais que os velhos, pois assim lhes será facilitado o casamento.

Auxilie ainda a Nação, organizando clínicas populares de limitação natal (Birth Control): legislando a emigração e a imigração (saída de homens sadios que reentram doentes, como acontece com a lepra que muitos dos nossos moços vão buscar ao Brasil): organizando pelo Ministério das Colónias a selecção natal nas colónias: fazendo puericultura anteprenupcial (atestado médico prenupcial, etc.) e antenatal (Casas de grávidas, Consultas de grávidas, Institutos de Puericultura, Consultas populares, Ambulatórios, etc.) e puericultura p. d. nos Institutos de Puericultura e pelas Associações de Visitadoras voluntárias, etc., etc.

Também combatendo a caridade e a filantropia desordenadas e sem censura, protegerá o Estado o futuro nacional. Que a caridade para com os inferiores e a filantropia para com os indesejáveis, sem que se neutralizem as conseqüências prejudiciais e fatais (procriação desenfreada, por isso mesmo que é pensada) para os próprios protegidos e para os outros homens, é uma loucura.

*

PROCRIAR sim, mas nem sempre. Os direitos são irmãos gémeos dos deveres: o direito de procriar estaca no ponto

onde a obrigação para com os outros homens indica prejuízo. O natural no casal é ter filhos, mas o matrimónio sem filhos justifica-se (e é glorioso até) tôdas as vezes que dois seres desejando-se, se juntam, sendo portadores de doença ou tara que pelos filhos vá contagiar os outros homens e minar a Nação. Procriar, sim, mas eugênicamente.

*

POLÍTICA EUGÉNICA, deve ser a política de nós todos. Que é ela a grande política contra o crime, o pauperismo, a miséria, o desemprego, a enfermidade, a mortalidade infantil, a mortinatalidade, a estupidez, a perversão sexual, o mau temperamento, a preguiça, a anomalia, a inconsciência, a grosseria do gesto e da alma. *POLÍTICA EUGÉNICA, É A POLÍTICA DO AMOR E O AMOR É A POLÍTICA DA VIDA.*



A Direcção da Associação Profissional dos Estudantes de Medicina do Pôrto, presta nesta página público agradecimento à Ex.^{ma} Direcção do Instituto Pasteur de Lisboa (Secção do Norte), que de boa vontade se propôs financiar a edição dêste folheto.

E aponta a todos o exemplo dum Instituto comercial que além da sua honesta vida profissional ajuda os homens de boa-fé na propaganda e defesa da sanidade do País.

Março de 1933.



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329672489

Imprensa Moderna, L.^{da}
R. da Fábrica, 80-Pôrto